

**CONTRIBUIÇÕES DA FONÉTICA E FONOLOGIA
PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA**

Luciane Zaida Ferreira da Silva Viana (UEMS)

lucianezaida@gmail.com

Milsa Duarte Ramos Vaz (UEMS)

mr-vaz@bol.com.br

Miguél Eugenio Almeida (UEMS)

RESUMO

Este artigo apresenta algumas reflexões sobre os desafios de ensinar a língua portuguesa a partir do conhecimento dos processos fonológicos nas produções de textos dos alunos do sexto ao nono ano do ensino fundamental. Assim, a prática de análise e reflexão linguística, em sala de aula, prioriza a reescrita de textos com o objetivo que o educando torne-se proficiente quanto ao aprimoramento da língua materna, ao promover desta forma a escrita de textos mais coerentes e coesos. A análise de alguns textos produzidos em sala mostra a real possibilidade de trabalhar exitosamente com problemas, que surgem frequentemente nas produções. Portanto, é possível viabilizar uma leitura e produção capazes de desenvolver a competência comunicativa dos alunos.

Palavras-chave: Fonética. Processos fonológicos. Ortografia. Produção de textos.

1. Considerações iniciais

Nos cursos de graduação, especialmente no de letras, percebe-se uma grande lacuna no que diz respeito à teoria e a prática, isto é, se vê a teoria, mas não se aplica na prática. Desta forma, partimos do seguinte questionamento: quais contribuições os processos fonéticos e fonológicos auxiliam na compreensão da língua portuguesa do ensino fundamental? Assim este artigo mostra a relevância dos estudos fonéticos e fonológicos para o ensino da língua portuguesa, articulado à teoria e a prática.

Quando a criança entra na escola se depara com um mundo que até então desconhece, porque a vida escolar é diferente da vida que esta-

va acostumada. Na escola terá de mudar o seu modo de falar, pois é neste ambiente que será levada a falar corretamente e ainda ser inserida no mundo da escrita e da leitura, o que antes não era tão presente em sua vida. Muitas crianças se deparam com esta situação apenas quando entram na escola, por volta dos seis anos de idade, especialmente nas escolas do campo, onde não é oferecida a educação infantil de zero a cinco anos. Além disso, muitos professores sequer dão explicações a respeito dessa nova relação e impõem regras e normas que para os pequenos são muito abstratas e difíceis de compreender.

Atualmente, as pesquisas revelam que muitas das crianças frequentam aulas diariamente por quatro anos e chegam ao quinto ano sem ter domínio da leitura e da escrita. Revelam ainda que o índice do IDEB está longe de chegar ao razoável. Pior ainda é quando chegam ao sexto ano escrevendo muito mal, com trocas de letras em palavras simples do dia a dia.

Diante disso, no que diz respeito aos estudos fonéticos e fonológicos ligados aos primeiros anos do ensino fundamental tem apresentado resultados significativos, estudos têm sido operacionalizados. Muitos pesquisadores dizem que é de suma importância que as crianças, adolescentes e jovens tenham habilidades de processos fonéticos, fonológicos e ortográficos para escrever bem e também para o letramento efetivo. Isso envolve dizer que tanto na reflexão da fala como a estrutura dela tem relação íntima com a leitura e a escrita.

A introdução de conceitos de fonética e de fonologia no ensino fundamental tem sido objeto de pesquisa de muitos professores que por sua vez é defendida por vários autores brasileiros (Thais Cristófar, Demerval da Hora). Para eles é fundamental que o professor saiba como lidar com os processos fonéticos e fonológicos para o ensino-aprendizagem da língua materna, em campos tão reais como o da ortografia, da evolução fonética da língua, das relações lexicais, dos recursos estilísticos, da versificação. No campo da ortografia são importantes as noções de som-grafia (plano fônico e plano escrito de representação da língua), fonéticas articulatórias e classificação dos sons para a resolução de *erros fonéticos* (ex.: "naça" para "maça") e de *erros de uso* (ex.: "sidade", para "cidade"). A foneticista Sônia Valente Rodrigues, da Faculdade de Letras do Porto, em seu artigo de 1995, explica que:

No estudo do progresso fonética da língua, a partir de palavras em que ocorram procedimentos de evolução fonética, intervêm informações como as de produção e categorização dos sons da fala, relações de proximidade e dis-

tância dos fonemas da língua e de processos fonológicos (inserção, supressão e alteração de segmentos, metátese). Quanto a relações lexicais, como a homofonia e a homografia, intervêm noções como a da relação escrita / som (a realização de alguns sons através de diferentes formas gráficas). Na compreensão dos recursos estilísticos de ordem fonética ou rítmica, como por exemplo, a aliteração em [s], intervêm noções como relação escrita/som (a realização do som [s] através das grafias "s", "ss", "c" e "ç". No domínio da versificação, por exemplo, na rima, quando existem palavras com terminações gráficas idênticas mas que não rimam entre si, como "cego" e "sossego", intervêm noções como as diferenças entre som e escrita e instrumentos como a transcrição fonética. (RODRIGUES, 1995)

Porém, mesmo reconhecendo que é vantagem aos professores saber e utilizar os conceitos de fonética e fonologia para o ensino-aprendizagem da língua, também é sabido que pouca relevância tem nos programas de língua portuguesa e como consequência quase não é visível nas práticas diárias dos professores desta área. No ensino fundamental – 1º ao 5º ano, no que concerne aos conteúdos obrigatórios é possível ver pouca ou quase nada de orientações para o trabalho com fonética e fonologia

Em relação ao ensino fundamental II (6º ao 9º ano) o trabalho é irrelevante como reconhecimento, em contextos, de algumas particularidades da linguagem de determinadas regiões (variedades linguísticas). A descoberta, a partir do contexto, de mudanças recentes na língua de certas palavras por meio da observação dos processos fonológicos como acrescentar, suprimir ou mudar fonemas é visto somente no 9.º ano de escolaridade.

O ensino dos sons da língua quer na sua vertente física, quer no seu valor significativo, nunca foi particularmente integrado na gramática do ensino em geral. Embora a grande parte de compilações escolares de gramática portuguesa se inicie com um capítulo sobre fonética, a verdade é que nem os próprios estudos lhe dão grande importância.

Desta forma, é de grande relevância fazer com que os estudos da fonética e da fonologia sejam mais evidentes nos diferentes níveis de ensino, e já que permanecem no rol de conteúdos que se dê a devida atenção. Na verdade, não se pode permitir que estes estudos fiquem escondidos, pois se sabe que eles têm muito valor no ensino da língua materna.

Neste artigo estudaremos os processos fonológicos e ortográficos mais comuns apresentados em textos de alunos do ensino fundamental II (6º ao 9º). Também serão mostradas com fins explicativos, algumas propostas didáticas de determinados conceitos de fonética e fonologia usa-

dos de maneira a contribuir no processo ensino-aprendizagem das normas linguísticas. Para demonstrar serão utilizados textos de alunos, do 8º ano de duas escolas diferentes. Estes textos são solicitados em aulas de língua portuguesa no eixo temático de produção textual.

A proposta de trabalho aqui apresentada não deve ser entendida como modelo, mas sim uma forma de mostrar como os processos fonológicos e ortográficos, contribuem na compreensão ortográfica e também quando relacionada à compreensão dos sentidos revelados por determinadas palavras em diferentes contextos. A aplicabilidade de conceitos será o ponto de partida para algumas reflexões acerca do ensino da língua materna no ensino fundamental II (6º ao 9º ano).

Também se quer mostrar que há possibilidade de articular os conceitos de fonética e fonologia com os diferentes domínios da língua como ouvir, falar, ler, refletir sobre como funciona a língua. Demonstrar o desempenho da mobilização de conceitos como a diferença entre fone (som) e grafema e de atividades como a da transcrição fonética.

Ao escrever determinado texto ou gênero o escritor necessita ter conhecimentos ortográficos, gramaticais e lexicais da língua, que são apreendidos no decorrer da vida em várias práticas sociocomunicativas e, na escola, de forma sistematizada. Dessa forma, segundo Koch (2012, p. 37) na atividade de produção textual é importante conhecer a grafia adequada das palavras conforme as convenções da escrita, para que se alcancem os objetivos pretendidos, pois esta obediência às normas ortográficas denota uma atitude colaborativa de quem escreve em relação ao leitor, pois facilita a compreensão textual e evita problemas de comunicação.

Os conhecimentos gramaticais Koch (p. 39) destaca a importância da pontuação não somente para marcar entonações, mas também para sinalizar ao leitor as relações entre as partes da oração, uma vez que os sinais de pontuação contribuem para a organização e a produção de sentido de um texto.

Para Marcuschi (2008, p. 218) não se deve confundir questões de ortografia com gênero textual, ao apontar que os problemas de ortografia não são questões de gênero textual, mas podem ser tratados na produção linguística escrita sem dificuldade dentro dos módulos e até na revisão final do texto para a produção final.

O trabalho da ortografia não deve sobrepor-se ao trabalho efetivo com a produção textual, pois a ortografia é um detalhe específico que deve ser cui-

dado, mas com outro tipo de atenção e exposição do aluno. Transformar a revisão ortográfica em centro dos problemas é desvirtuar todo o trabalho com a sequência didática. (*Idem, ibidem*, p. 218)

Além do mais, a ortografia não é vista nos *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa* (BRASIL, 1998, p. 85) como preenchimento de lacunas ou restringindo-se apenas a correção de palavras erradas, mas afirma que esta postura deve mudar e assegura:

Entretanto, é possível desenvolver um trabalho que permita ao aluno descobrir o funcionamento do sistema grafo-fonêmico da língua e as convenções ortográficas, analisando as relações entre a fala e a escrita, as restrições que o contexto impõe ao emprego das letras, os aspectos morfosintáticos, tratando a ortografia como porta de entrada para uma reflexão a respeito da língua, particularmente, da modalidade escrita.

Para que tal reflexão possa ocorrer, as estratégias de ensino devem se articular em torno de dois eixos:

a) privilégio do que é “regular”, permitindo que, por meio da manipulação de um conjunto de palavras, o aluno possa, agrupando-as e classificando-as, inferir as regularidades que caracterizam o emprego de determinada letra;

b) preferência, no tratamento das ocorrências irregulares, dos casos de frequência e maior relevância temática.

O aprendizado de novas palavras, inclusive de sua forma gráfica, não se esgota nunca. Cabe ressaltar que o mesmo documento propõe ainda:

Assim, mais do que investir em ações intensivas e pontuais, é preferível optar por um trabalho regular e frequente, articulado à seleção lexical imposta pelo universo temático dos textos selecionados.

Santos, o estudioso do português afirma

[...] que o ensino da ortografia deve organizar-se de modo que os alunos infiram as regularidades do sistema ortográfico a partir da reflexão sobre as ocorrências e também percebam que existem palavras cuja ortografia não é definida por regras e exigem, portanto, a fontes autorizadas e o esforço de memorização. (SANTOS, 2013, p. 93)

Diante desse embasamento teórico estudado até o momento envolvendo a ortografia deve ser ensinada na perspectiva da análise linguística, para que os alunos sejam capazes de eliminar determinadas dificuldades ortográficas, que venham a surgir no decorrer da aprendizagem ou pelo menos minimizá-las por meio de práticas metodológicas que envolvam atividades de reflexão linguísticas relacionadas às regras ortográficas.

2. *Análise das produções de textos dos alunos quanto aos processos ortográficos e fonológicos*

Este trabalho visa estudar as ocorrências fonológicas e ortográficas de algumas produções de textos de quatro alunos do Ensino Fundamental (6º ano) dentre os quais analisamos o primeiro texto transcrito a seguir:

Texto I – Tema: Reciclagem do lixo

A resicragem

O lixo ele é muito ruim porque ele trasmiti doemças e faz muita sugera e tamei ele faz mar para natureza destroido plata e se dexa pateria ou pilha na arvore ela fica contaminada e como vai da fruta ela esta contaminada eeceomevoce vai fica com doença e tamei se enterar na natureza fais mar e destroi arvore e o animais fica doemte.

3. *Análises quanto aos processos ortográficos*

Sempre que o professor se depara com os textos dos seus alunos é muito comum preocupar-se e perguntar-se, se deve ou não corrigir ortograficamente os textos dos educandos. Assim, para iniciar as intervenções é de grande importância ter em mente alguns parâmetros de correção e para isso se faz necessário inicialmente compreender o que é ortografia. De acordo com Moraes (2010) “sem abrir mão da leitura e produção de textos é preciso ensinar ortografia. E fazê-lo de uma forma sistemática.” Isto porque é normal a escola cobrar muito dos alunos para que escrevam de acordo com as normas, porém não dá chance para que o aluno reflita sobre as questões ortográficas de nossa língua.

Com o objetivo de evitar que aquele que escreve tenha medo de errar é preciso que os professores mudem sua postura quando for ensinar a ortografia. E para tanto, é preciso entender que a ortografia é uma convenção social que tem o objetivo de ajudar a comunicação escrita. Para o pesquisador do português

[...] a escrita não se reduz a uma simples transcrição da oralidade nem sequer depende exclusivamente de processos perceptivos envolvendo discriminação e memória. Considera ainda que, a aprendizagem da escrita como um processo de formação de conhecimentos, os erros que surgem na produção gráfica das crianças podem ser reveladores da apropriação de uma nova linguagem e surgiriam como indicadores das possíveis hipóteses ortográficas que elas estariam utilizando para a escrita. (ZORZI, 1997, p. 120-132)

Desta forma, o professor compreenderá os “erros” numa produção escrita como etapas de apropriação do sistema ortográfico, entenderá o quanto as crianças apreenderam sobre esse sistema.

Na análise dos erros ortográficos deve-se levar em consideração a concepção de língua, a metodologia do professor e, por fim, a relação com a oralidade.

Ainda de acordo com Zorzi, ao analisar a palavra “resicragem” como uma falta de fixação da forma correta, que é “reciclagem”, tal forma tem influência no modo de conceber a linguagem na qual não se leva em consideração que a combinação de letras “si”, da mesma forma que “ci”, corresponde a uma alternativa para se escrever o som /si/, fonema representando a sibilante desvozeada. Além disso, é bom lembrar que uma criança que escreve “resicragem em vez de reciclagem” o faz ou porque lhe disseram que era assim ou ainda porque deduziu que esta seria a maneira correta, pois é também um jeito possível de registro no sistema de escrita, só que não grafa na forma ortográfica.

Reciclagem ~ resicragem

Quando um aluno escreve os textos espontâneos, como é o caso do texto em análise, aplicam nesta escrita um trabalho de reflexão muito grande e é muito comum se apegarem a regras que revelam usos possíveis de escrita tiradas dos usos ortográficos que o próprio sistema, em que a criança faz uma tentativa de relacionar letra e som.

O aluno escreveu, por exemplo, “eecomevoce” (e se come você), apresenta, no caso, a ocorrência fonética denominada hipossegmentação, que é um modo não ortográfico, mas não tão “louco” como alguém que não conheça pode imaginar. Esta forma de escrita retrata uma grafia apoiada na oralidade. Se o professor tem conhecimento para distinguir claramente os problemas de fala dos problemas de escrita, percebe essas escritas como marcas da escrita da oralidade e que por sinal muito consciente e que revelam como as crianças conhecem o modo como falam. Este procedimento é chamado por vários estudiosos (CAGLIARI, 1992) como “juntura intervocabular”, que reflete os critérios utilizados para analisar a fala, porque é uma possibilidade de uso. Já do ponto de vista dos processos fonológicos, há a ocorrência do processo sândi. Justaposição: juntar formas, hipossegmentação.

Em relação à palavra “trasmiti” para “transmite”, o aluno escreve “i” em vez de “e” porque fala [i], e não e, alçamento vocálico.

O mesmo acontece com a palavra “fais” (verbo), em vez de “faz”, em que há presente além da marca da oralidade, pois é desta forma que se pronuncia, especialmente nas conversas familiares.

O educando também escreveu a palavra “mar” para dizer “mal” – rotacismo – fenômeno fonético caracterizado pela substituição do “L” pelo “R”.

Nas palavras “doenças, doemte, comtaminada plata e tamei” o estudante reforça que ainda não compreendeu as marcas de nasalidade bem compreensível, já que existe pelo menos cinco modos de marcá-las e ao analisá-las pode se perceber que é preciso saber das regras para escrevê-las ortograficamente corretas. Na palavra “plata”, houve a supressão da letra “n” que também é uma nasalização. Em relação à palavra “tamei”, há a ocorrência da síncope da bilabial vozeada.

Para considerar o “erro” da escrita do verbo “destruido” – abaiamento vocálico –, em vez de “destruído” foi preciso considerar a escrita do mesmo verbo “destrói” que por estar na terceira pessoa do singular justifica tal escrita. Ao indagar ao aluno o motivo que o levou a escrever de tal maneira disse que era igual. Assim, pode se deduzir que a criança ainda não tem conhecimento da conjugação desse verbo, mas o escreveu por se tratar de um texto típico sobre a reciclagem.

A troca da letra *p* por *b* acontece normalmente na escrita de crianças na fase inicial de alfabetização. No texto acima, a palavra “pateria” em vez de “bateria”, por se tratar de um aluno de 5º ano esta confusão não poderia mais acontecer. Esta troca se dá em virtude da presença de um som muito parecido em sua realização no aparelho fonador. Conforme:

[...] esses sons são chamados tecnicamente de “pares mínimos”, porque são produzidos expelindo-se o ar do mesmo modo, no mesmo ponto de articulação, diferindo apenas porque em um (por exemplo, o /b) as cordas vocais vibram, enquanto o outro (por exemplo, o /p/) elas não vibram. (MORAIS, 2010, p. 99-120)

No caso da escrita da palavra “enterar” para “enterrar” se dá pelo contexto em que aparece a relação letra fonema, que tanto pode ser no início de palavras como em ruim (escrita do próprio aluno) como no final de uma sílaba como em sílabas iniciais precedidas de consoante como em “genro”, por exemplo. Na palavra enterrar a justificativa se dá porque o dígrafo “RR” está entre vogais. Assim é de grande relevância que o aluno

saiba dessas explicações, uma vez que se trata de regularidades contextuais (MORAIS, 2010, p. 99-120, 2005).

Na grafia da palavra “arvore”, há a supressão do acento agudo por desconhecer o que é uma palavra proparoxítona e também que todas elas são acentuadas.

Já para a questão metodológica pode-se verificar quando se apresenta aos estudantes apenas as sílabas que seguem o padrão consoante-vogal a escrita a palavras que tem essa regularidade, como ocorre com “sa, se, si, so, su”. Como o estudante está acostumado com esta forma de escrever pode transpor letras em sílabas ou ainda, suprimir letras como é o caso de “sugera”, “dexa” que foi ajustada aos padrões. Portanto, é preciso trabalhar com as palavras independentes desta ou de alguma outra sílaba, pois elas devem constar nos textos escritos espontaneamente pelos alunos, independente de turmas iniciantes ou de salas mais avançadas.

Do ponto de vista fonético destacam-se:

1. Reciclagem ~ recicragem
2. O lixo é ~ O lixo ele é – Repetição do sujeito. Sintaxe.
3. Transmite ~ trasmiti – Ocorrência de alçamento, pois a vogal média-alta [e] é elevada à vogal alta [i].
4. Doenças ~ doemças – Ocorrência de um caso da troca da bilabial “m” para o “n” – língua alveolar.
5. Sujeira ~ sugera – Síncope- supressão (apagamento) no meio da palavra,
6. Também ~ tamei – Ocorrência de síncope, supressão do fonema /b/, desanalação, seguida de ditongação.
7. Destruído ~ destroido – Abaixamento vocálico – Sístole – recuo do acento para sílaba anterior, alçamento –
8. Planta ~plata – Ocorrência de desnasalação, monotongação.
9. Deixar ~ dexa – é considerada como síncope, isto é supressão de fonema no meio da palavra. Ocorre também o processo de apócope pela supressão do fonema /r/ no final da palavra.
10. Bateria ~ pateria – Desvozeamento – troca de letras, sons sonoros por surdas /b/ por /p/.

11. Contaminada ~ comtaminada – Ocorrência de um caso bilabial na troca do m para o n, bilabial pela língua-alveolar.
12. E se come você ~ esecomevoce – Hipossegmentação. Há segmentação de menos.
13. Ficar ~ fica – Ocorre o processo de apócope pela supressão do fonema /r/ no final da palavra.
14. Enterrar ~ enterar – Síncope – supressão de fonema no meio da sílaba. Ocorre também o processo de apócope pela supressão do fonema /r/ no final da palavra.
15. Faz ~ fais – Ditongação. Desvozeamento – troca de letras surdas por sonoras – /z/ por /s/.
16. Destrói ~ destrói – Sístole. Afrouxamento com a ausência do acento tônico marcando a sílaba.
17. Árvore ~ arvore – Perda do acento agudo em palavra proparoxítona. Assim, leva o deslocamento de sílaba,
18. Os animais ~ o animais – Concordância nominal entre o artigo e o substantivo.
19. Mal ~ mar – Rotacismo
20. Doente ~ doemte – Ocorrência de um caso bilabial na troca do m para o n, bilabial pela língua-alveolar.

Texto II – Tema: violência

Estudante 2

A violência é uma palavra que geralmente as pessoas usam Violencia para agredir pessoas indefesas como crinaças, idosos defisientes, e outras pessoas A violencia gera violencia e as pessoas que fazem isso podem ta si prejudicandam a si mesmo Violencia não leva a nada e essas pessoas que fazem isso. não são fazem é que são cupados por tudo e por todos eles. NADA DE VIOLÊNCIA

O texto da estudante XXX não apresenta um título específico, mas cita o tema: violência constituindo-se em pequeno texto de apenas um parágrafo, que segundo a norma padrão estão em desacordo com algumas regras como: acentuação, pontuação, utilização de maiúscula e minúscula, dentre as quais serão apontadas possíveis correções para o texto da aluna. Pois, de acordo com Santos,

A ortografia também deve ser ensinada, quando possível, na perspectiva da análise linguística. Dessa forma, os alunos poderão descobrir o funcionamento do sistema grafofonêmico da língua e as convenções ortográficas, analisando as relações entre fala e a escrita, as restrições ao emprego das letras impostas pelo contexto, os aspectos morfosintáticos. (2013, p.93):

A autora complementa ainda que a falta de regularidade nas convenções ortográficas causam muitas dificuldades, cabendo ao professor o planejamento de atividades que eliminem ou minimize essas dificuldades.

Do ponto de vista fonético destacam-se:

1. Indefesas ~ indefessas – Ocorrência de paragoge. Inserção de segmentos, adição de um segmento a uma palavra, como em *ante* ~ *antes*.
2. Crianças ~ crianças – Transposição de fonemas na mesma sílaba – metátese.
3. Deficientes ~ defisientes – A troca das letras *c* e *g* que configuram erro ortográfico, pois o fonema /s/ pode ser representado por esses dois grafemas, ocorrendo ainda, a variação gráfica.
4. Está ~ tá – Ocorrência de aférese, supressão de um fonema no início da palavra e síncope
5. Se ~ si – Ocorrência de alçamento, pois a vogal média-alta [e] é elevada à vogal alta [i].
6. Prejudicam ~ prejudicandam – Ocorrência de paragoge, devido a adição no *n* no final da palavra.
7. São ~ só – Ocorrência de síncope, desnasalação e da monotongação.
8. Culpados ~ cupados – Ocorrência de síncope, supressão do fonema *l*.

Texto III – Tema: violência

Estudante 3

A violência ela é usada por qualquer pessoa. Ela perigosa poruqe a qualquer hora ela pode atingir alguém.

A violência já está disendo que uma coisa muito mal. Arma, faca, crda e etc. e violência poruqe esses objetos são muito mal.

Violência pode acontece em casa, ruas Escolas e principalmente em bar.

Porque em bar? porque la tem bebos, garrafas, facas, som, televisão, panela e etc.

Então a violência é isso, que esta acontecendo qualquer momento tome muito cuidado com ela.

Porque violência se a gente pode viver na paz, vamos ajuda a nossa plane-ta ee pede ajuda.

Quanto aos processos fonéticos e ortográficos:

1. A violência ela é – Repetição do sujeito pleonástico. Sintaxe.
2. Qualquer ~ qualuqer – Transposição de fonemas em sílabas diferentes, hipértese da vogal /u/. Ocorrência de epêntese, inserção de uma vogal entre duas consoantes. Há também a ocorrência de síncope do grafema q.
3. Porque ~ poruqe – Ocorrência de hipértese, deslocamento do fonema de uma sílaba para outra.
4. Alguém ~ alguem – Supressão do acento agudo, sendo uma oxítona terminada em “em” deve ser colocado o acento.
5. Dizendo ~ dizendo – Conforme Yavas, Hernandorena e Lamprencht (1991) há uma variabilidade entre oito e quarenta e dois processos fonológicos. Dentre eles o processo de substituição, desonorização da obstruinte, é a produção como surdas das plosivas, fricativas ou africadas sonoras. De acordo com Zorzi (1997), o erro envolvendo o fonema |s| ocorre devido à diversidade de letras que representam o mesmo som. Assim, a letra “z” é substituída pela letra “s”.
6. arma ~ Arma – Troca de letra minúscula por maiúscula sem alterar o sentido.
7. corda ~ crda – Ocorrência de síncope.
8. Acontecer ~ acontece – Ocorrência de apócope.
9. Porque ~ porque -O estudante inicia a oração com letra minúscula depois de uma frase interrogativa.
10. Lá ~ la – Perda do acento agudo.
11. Bêbados ~ bebos – Ocorrência de síncope e perca do acento circunflexo.
12. Ajudar ~ ajuda – Ocorrência de apócope.

3.1. Atividades de retextualização para minimizar o trabalho com processos fonológicos:

1) Para troca de letras p/b; t/ d; g/ch; s/ss

Propõe-se aplicar exercícios orais e escritos após a releitura do texto retextualizado e escolhido pelos alunos para análise e correção coletiva, na lousa com a participação de toda a turma. No final, é possível listar as palavras que apresentaram maiores dificuldades para realizar alguns exercícios, como:

a) Ler em voz alta, as palavras *asa* e *assa*.

b) Listar palavras escritas com m antes de p ou b, no meio de palavra e no final. Solicitar aos alunos que separem as palavras por semelhança e depois concluir com coletivamente com que letra se escreve tais palavras.

2) Analisar, com os alunos do 6º ano de escolaridade, as relações que se estabelecem entre o som e a escrita do português, partindo da ideia de que, em português, a forma ortográfica é independente da forma fônica.

3) Analisar com os alunos a partir do 6.º ano de escolaridade, alguns jogos de palavras com base nas relações de homofonia entre as palavras usados em textos publicitários e humorísticos.

4) Preparar nas aulas do Ensino fundamental as situações de aprendizagem do oral, por meio do treino da audição e da reflexão sobre o discurso oral espontâneo, para detecção de características como repetição de expressões, construções inacabadas ou agramaticais, pausas, interjeições.

Com isso, pretende-se conscientizar os estudantes das diferenças entre a escrita e a oralidade de expressões da língua, levando-o a debruçar-se sobre as especificidades de cada um deles a partir da escuta ativa. O aluno aprenderá deste modo a agregar na sua própria produção verbal e oral a especificidade de cada uma destas formas de expressão.

4. Considerações finais

Neste artigo as análises fonológicas e ortográficas realizadas a partir de quatro produções de textos abordaram diversos problemas que estão em desacordo com as convenções ortográficas da língua portuguesa-

sa, bem como se identificou os vários processos fonológicos ocorridos ao longo dos textos. Quando se trata de erro ortográfico, Costa (2004:41) afirma que “há professores que avaliam o texto do aluno pelo número de erros e não pelo tipo de problema ortográfico que ainda o aluno não superou, quando da apropriação do código alfabético”.

Por meio dessa pesquisa é plausível compreender que os estudos fonológicos são relevantes para a formação do professor de qualquer nível de ensino. O docente, conseqüentemente, lançando mão da teoria fonológica, poderá trabalhar mais tranquilo, pois saberá que decisões tomar para resolver tanto de ordem fonológica quanto ortográfica, além de estabelecer uma atuação profissional bem-sucedida. Assim, é de grande relevância que os professores, especialmente os de língua materna, compreendam melhor como se configuram a aquisição da fala e seus processos fonológicos para entender, mais profundamente, a aquisição da linguagem escrita.

Levando-se em conta o que foi observado, as inúmeras possibilidades de uso das letras em sua relação com os sons da fala ou os tipos de estratégias que os alunos usam para escrever, as quais os professores dominam para poder ensinar a escrita oficial e aplicar os exercícios específicos de reescrita ou de reelaboração textual, por meio de uma intervenção rápida, mas eficiente do professor, para que nossos alunos superem essas dificuldades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, M. B. M. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília, 1997.
- CAGLIARI, Luiz C. *Alfabetização e lingüística*. 10. ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- CAPOVILLA, A. G. S.; DIAS, N. M.; MONTIEL, J. M. Desenvolvimento dos componentes da consciência fonológica no ensino fundamental e correlação com nota escolar. *PsicoUSF*, Cidade, jun. 2007, v. 12, n. 1, p. 55-64. *Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*, ano 09, n. 16, 1º sem. de 2013

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

COUTO, Hildo Honório do. *Fonologia & fonologia do português*. 10. ed. Brasília: Thesaurus, 1997.

KATO, Mary. *No mundo da leitura: uma perspectiva psicolinguística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MARCUSCHI, A. L. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M., GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Palmas: Kaygangue, 2005, p. 17-33.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P., MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 19-36

MARTINS, M. H. (Org.). *Questões de linguagem*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

MORAIS, Artur Gomes. *Ortografia: ensinar e aprender*. São Paulo: Ática, 2003.128p.

OLIVEIRA, Demerval da Hora. *Fonética e fonologia*. Acesso em: 04-11-2013. Disponível em: <http://portal.virtual.ufpb.br/wordpress/wp-content/uploads/2009/07/Fonetica_e_Fonologia.pdf>.

SANTOS, Leonor Werneck; RICHE, Rosa Cuba; TEXEIRA, Claudia Souza. *Análise e produção de texto*. São Paulo: Contexto, 2013.

SCARPA, Ester Mirian. Aquisição da Linguagem. In: MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Ana Cristina. *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. v. 2. p. 203- 232.

SILVA, Thaís Cristóforo. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

SOARES, Magda B. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*, n. 25, p. 5-17, 2004.

VIEGAS, M. do C. *O acento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística*. 1987. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras da UFMG, Universidade Federal Minas Gerais, Belo Horizonte.

YAVAS, M.; HERNANDORENA, C. L. M.; LAMPRECHT, R. R. *Avaliação fonológica da criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

ZORZI, Jaime Luiz. *A apropriação do sistema ortográfico nas quatro primeiras séries do primeiro grau*. Campinas: SM, 1997.